

Polémica en torno a la figura de Lessing en Kierkegaard

Álvaro Luiz Montenegro Valls
(UNISINOS)



Jon Bartley Stewart
(Universidad de Copenhague)

Presentación

Ponemos a disposición del público lector una polémica respecto a la relevancia de la figura de Lessing en la filosofía de Kierkegaard. La discusión se ha suscitado entre dos especialistas en el pensamiento kierkegaardiano reconocidos internacionalmente: Álvaro Luiz Montenegro Valls y Jon Bartley Stewart. Valls es doctor en filosofía por la Universidad de Heidelberg (Alemania). Su tesis fue dirigida por Michael Theunissen. Se desempeña como docente en la Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil) y se dedica a investigar y dirigir investigaciones sobre la obra de Kierkegaard. Ha traducido al portugués diversas obras del danés y actualmente trabaja en la traducción del *Postscriptum*. Stewart, por su

parte, es doctor en filosofía y teología por la Universidad de Copenhague (Dinamarca). Desde 1996 forma parte del Centro de Investigación Kierkegaard de la Universidad de Copenhague. Ha editado numerosos volúmenes dedicados al pensamiento del danés en la serie “Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources”. También ha publicado diversos libros de su autoría dedicados al análisis del pensamiento del danés y su relación con filósofos alemanes y daneses de los siglos XVIII y XIX. Entre estos libros merece una mención destacada la obra que originó la intervención de Valls: *Kierkegaard’s Relations to Hegel Reconsidered* (New York, Cambridge University Press, 2003).

“Sobre a importância de Lessing no Pós-escrito às Migalhas Filosóficas (Uma mirada sobre Politis e Stewart)”

Álvaro L. M. Valls

Amigos, por que haveremos de querer ser mais agudos do que Leibniz e mais humanitários do que Sócrates? (Lessing)

Quem estudou Kierkegaard há algumas décadas na Alemanha experimenta hoje uma situação curiosa: tem de reconhecer, é claro, que os principais estudos, em quantidade e relevância, se encontram em inglês ou francês, mas percebe que há graves lacunas no diálogo entre os representantes das duas tradições linguísticas.

Em França, após um período precário e pioneiro (antes da metade do século XX), em que o público leitor se contentava com a erudição germânica de Jean Wahl¹ e com os esforços de Pierre Mesnard², insuficientes aliás para libertar Kierkegaard da caricatura existencialista/irracionalista, apareceram figuras maiores, com erudição, conhecimento do idioma dinamarquês e saber filosófico, como Jacques Colette³, André Clair⁴ e Henri-Bernard Vergote⁵. Depois, surge outra geração com trabalhos promissores, dentre os quais apontaríamos muito especialmente o nome de uma amiga fiel de Vergote, Hélène Politis, que além de uma produção de surpreendente exigência técnico-filosófica poderia ainda ostentar o título de uma “kierkegardiana de escola”, no sentido irônico, pelo menos, de que foi Professora regular da Sorbonne, Paris I.

No idioma inglês, favorecido por uma maioria protestante dos leitores desse autor, bem como pela estratégia dinamarquesa de usar sempre a língua predominante no mundo científico e acadêmico, os nomes de destaque são muitos, mas há um dentre eles que bem merece ser mencionado: um pesquisador ainda jovem, americano com doutorado na Alemanha e vários anos de investigação no Centro de Copenhague: Jon Stewart. Ele se destaca por sua incrível capacidade de trabalho, produzindo, sozinho ou em equipe, obras de centenas de páginas e dezenas de volumes, com rica perspectiva histórica e com bons fundamentos filosóficos.

Jon Stewart diferencia-se claramente de intérpretes mais antigos pelo enorme conhecimento do pensamento de Hegel e pelo coerente respeito por aquele pensador alemão. Nisto ele coincide, aliás, com Hélène Politis, a qual, tendo sido orientada por Bernard Bourgeois, também espera que os intérpretes de Kierkegaard conheçam

1. Wahl J., *Études Kierkegaardiennes*, Paris, Vrin, 1949.

2. Mesnard P., *Le vrai visage de Kierkegaard*, Paris, Beauchesne, 1948.

3. Colette J., *Histoire et Absolu, essai sur Kierkegaard*, Paris, Desclée, 1972.

4. Clair A., *Pseudonymie et Paradoxe*, Paris, Vrin, 1976.

5. Vergote H., *Sens et Répétition. Essai sur l'ironie kierkegardienne*, Paris, Cerf/Orante, 1982.

Hegel tão bem e tão a fundo como o nosso dinamarquês do século XIX o conhecia e citava. De Jon Stewart convém mencionar aqui dois volumes de peso, que vêm derrubando aquela leitura tradicional do antigo Pastor Niels Thulstrup⁶, o qual (para simplificarmos) acreditava que Kierkegaard ignorava Hegel mas ao mesmo tempo o odiava. Stewart publica, em 2003⁷, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, com quase 700 páginas, e quatro anos depois o Tomo II (referente ao período de 1837 a 42) de *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark*, com 775 páginas⁸.

A professora Politis, com livros de 300 ou 400 páginas, também trabalha enormemente. Ousou, até mesmo, deixar a Sorbonne publicar um *Répertoire des Références Philosophiques dans les Papirer (Papiers) de Søren Kierkegaard*, em 2005, com 450 páginas.⁹ Publicou, para um público maior, um *Vocabulaire de Kierkegaard*¹⁰, e vem lançando por partes os resultados de sua tese de doutorado de estado, originalmente com 1.735 páginas, defendida em Janeiro de 1993, tese orientada por Bernard Bourgeois, mas com a presença na banca de gente como Henri-Bernard Vergote, André Clair e Peter Kemp. *Le discours philosophique selon Kierkegaard*, sua tese na Sorbonne, já gerou vários artigos e dois livros: *Kierkegaard em France Au XXe Siècle: Archéologie d'une Réception*¹¹ e, quatro anos mais tarde, *Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard*¹². Digamos, para simplificar, que Politis parece ser a melhor seguidora do grande intérprete francês Henri-Bernard Vergote (de modo que o que diremos dela valerá em boa parte também para aquele). Mas falemos agora então de Hélène e de Jon.

* * *

O mais recente e importante livro de Politis, de 2009, tem sete capítulos, sendo que o quinto e o sexto são intitulados, respectivamente: “*Hommage à Lessing (I): raison, saut, existence*” (pp. 195 a 241) e “*Hommage à Lessing (II): problèmes de l'esthétique*” (pp. 243 a 280). Isto já indica que nesta obra Lessing recebe enorme atenção quando a autora trata de caracterizar o que seria a filosofia, ou pelo menos uma filosofia de tipo kierkegaardiano. Ora, Politis conhece também a fundo um antagonista de Lessing, Jacobi, o qual, sendo famoso fideísta, poderia pretender o título de mentor de Kierkegaard. Este, no entanto, prefere claramente Lessing, suspeito de espinozismo,

6. Thulstrup N., *Kierkegaards Verhåtnis zu Hegel und zum spekulativen Idealismus. Historisch-analytische Untersuchung*, Stuttgart, Kohlhammer, 1972.

7. Stewart J., *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, Cambridge, University Press, 2003.

8. Stewart J., *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark. Tome II: The Martensen Period*, Copenhagen, Reitzel, 2007 – O Tomo I se referia ao período dominado por J. L. Heiberg.

9. Politis H., *Répertoire des Références Philosophiques dans les Papirer (Papiers) de Søren Kierkegaard*, Paris, Sorbonne, 2005 – Modestamente, porém, pediu ao editor que publicasse apenas 500, e não 600 exemplares dessa preciosidade que é um catálogo preparado por ela com infinita paciência.

10. Politis H., *Le Vocabulaire de Kierkegaard*, Paris, Ellipses, 2002.

11. Politis H., *Kierkegaard en France au XXe. Siècle: Archéologie d'une Réception*, Paris, Kimé, 2005.

12. Politis H., *Le Concept de Philosophie Constamment Rapporté à Kierkegaard*, Paris, Kimé, 2009.

ao entusiasta Jacobi! Ora, Kierkegaard se entusiasma com Lessing quando este questiona os sistemas.

Stewart, por seu lado, procura em seus livros mostrar o quanto Kierkegaard, no fundo, estava de acordo com Hegel, e como na maioria dos casos o verdadeiro alvo de suas críticas não era Hegel, mas sim os hegelianos dinamarqueses, tais como Heiberg, Martensen, Adler e até Nielsen. Stewart, porém, pouco se preocupa com o fato de que nem todas as críticas podem ser desviadas completamente de Hegel para os seus epígonos.

Hélène Politis, como já antes dela Vergote, não teria dificuldades em caracterizar Kierkegaard como um pensador dialético e até sistemático, compreendido isso no sentido de um pensamento lógico e coerente que perpassa a sinfonia de suas obras, no mesmo sentido, por exemplo, em que Aristóteles e Descartes seriam pensadores sistemáticos. Politis sabe reconhecer, igualmente, que nosso autor de fato critica (às vezes até usando como alvo das críticas o nome de Hegel) aqueles seus contemporâneos que se pretendiam mais ou menos discípulos do grande filósofo alemão. Entretanto, a atmosfera que reina nas obras dessa professora de Paris é bem diferente da que reina na desse americano instalado em Copenhague. Para ela, Kierkegaard é um filósofo realmente diferente de Hegel, mas um filósofo que discute seriamente questões lógicas e ontológicas; para Stewart, por outro lado, talvez Kierkegaard nem seja, a rigor, um verdadeiro filósofo – justamente porque não faz filosofia da mesma maneira como Hegel a fazia.

A leitura comparada desta francesa que estudou com Jankélévitch, Bourgeois e Vergote e deste americano que estudou em Berlim revela uma quantidade maior de humor e de ironia por parte da pensadora latina (confirmando talvez com isso aquela brincadeira de Kierkegaard, quando dizia de Hegel que “*Deutsche verstehen keinen Witz*” – num jogo de palavras: “Alemães não compreendem e/ou não gostam de brincadeiras”). Desconfiamos, portanto, que Stewart se recusa a (ou: não gosta de/*gidder ikke*) ler nas entrelinhas e a interpretar a forma (muitas vezes indireta) dos enunciados como sendo pelo menos tão importante quanto os respectivos conteúdos. Ora, podemos avançar uma hipótese: estamos convencidos de que a maneira de escrever (criticamente, polemicamente), em que Kierkegaard é um mestre, ele a aprendeu em boa parte com Lessing. – Coloquemos então, de chofre, a pergunta: Qual a importância que Stewart concede a Lessing, nos seus livros mencionados? Enquanto Politis dedica a Lessing dois dos sete capítulos (num total de umas 90 páginas), Stewart o menciona tão somente 4 vezes no livro de 2003 e 5 vezes no livro de 2007. E de que modo Stewart menciona Lessing? Respostas: podemos reduzir a 7 ou 8 as citações de Lessing por Stewart, pois, além de serem bastante superficiais, algumas também se repetem, ao menos parcialmente, em ambos os livros.

* * *

Lendo Stewart sobre as relações de Kierkegaard com Hegel, vemos como ele menciona (tal como o faz Politis) a questão do “salto”, e aí aprendemos que:

most commentators take the image of the leap to have been derived exclusively from Lessing as seems to be indicated in the Concluding Unscientific Postscript. Another possible source is Røtscher, whom Kierkegaard also mentions in connection with the concept¹³.

Não deixa de ser interessante esta alternativa para a origem do conceito de «salto», já que Røtscher era bom hegeliano e, aliás, como o sabemos desde *O conceito de ironia*, bastante admirado por Kierkegaard. Em vez do (impossibilitado, devido às velhas pernas) salto de Lessing sobre o abismo, teríamos apenas o salto de qualidade, sabidamente presente em Hegel ao menos desde a sua *Fenomenologia do Espírito*.

Aprendemos com Stewart, mais adiante, que eram os tratados de Lógica de Heiberg e Nielsen que corporificavam aquele sistema inacabado que o pseudônimo Climacus criticava com tanta ironia (ou humor) no *Pós-escrito*, quando citava:

When Lessing said this words, the system was presumably not finished; alas, and now he is dead! If he were living now, now when the system has been completed for the most part or is at least in the works and will be finished by next Sunday, believe me, Lessing would have clutched it with both hands¹⁴.

Dado que Climacus costuma relacionar sistema com acabamento, tem de opor ambos os termos à existência. Logo mais, à p. 484 deste livro de 2003, lemos então que Climacus contrasta o ser humano existente com o ser humano tal como é apresentado pelo sistema; o primeiro sempre em processo de devir, caracterizado por um “contínuo esforço”, e este último visto como completo e acabado: “The continued striving is the expression of the existing subject’s ethical life-view”. E Stewart logo em seguida acrescenta: “This is the point of the quotation that Climacus finds so important. Human life is the eternal struggle and search for the truth, not the attainment of it”

O nome de Lessing aparece ainda no livro de 2003 por uma última vez, logo na primeira frase do capítulo que trata da crítica à suposta ausência de pressuposições do início do sistema hegeliano:

I now turn to Johannes Climacus’ account of the presuppositionsless beginning of philosophy. This appears in the section on the fourth thesis attributed to Lessing. The thesis of this section again concerns the difference between the subjective and the objective approach to Christianity¹⁵.

Mesmo sabendo que o acúmulo de erudição não combina com a ironia, temos de continuar o levantamento dessas parcas citações stewartianas sobre Lessing. Passemos, pois, à sua *História do Hegelianismo na Dinamarca da Época de Ouro*, de

13. Stewart J., *Kierkegaard’s Relations...*, op. cit., p. 407.

14. *Ibid.*, p. 462.

15. *Ibid.*, p. 488.

2007, no volume que dedica mais de cem páginas a Kierkegaard. Em toda essa ampla investigação encontramos apenas 5 pobres citações explícitas referentes a Lessing. Tratando do esteta hegeliano Heiberg, vemos que este “evokes Lessing’s influential work, *Laokoon*. In that book Lessing claims that the difference between poetry and painting lies in the fact that painting is bound to space, whereas poetry is bound to time”¹⁶. Kierkegaard também admira o *Laocoonte* e acompanha esse pensamento, mas tais reflexões estéticas de Lessing não podem ser consideradas de grande importância para o *Pós-escrito* de 1846.

Temos de ir adiante. À página seguinte lemos que Heiberg acaba não se baseando verdadeiramente em Lessing e sim utilizando uma taxonomia das artes de um tipo talvez mais hegeliano. As duas citações seguintes, às pp. 636 e 637, referem-se à publicação de Rasmus Nielsen de uma *Lógica especulativa em seus traços fundamentais* (*Den speculative Logik i dens Grundtræk*), à qual Kierkegaard aplica, como se sabe, aquelas palavras de ou sobre Lessing sobre o sistema estar inacabado, mas que (ironia, ironia!) se fosse agora, Lessing com toda certeza o agarraria com ambas as mãos, ou seja: não com a direita nem com a esquerda, mas com ambas!

Enfim, a última menção a Lessing nesta *História do Hegelianismo*, de Jon Stewart, apesar de muito fugaz, é quiçá a mais promissora quanto aos possíveis progressos num futuro diálogo anglo-franco-germânico relacionado a Lessing. De fato, se Jon Stewart, em suas obras tão volumosas, praticamente ignora autores franceses como Vergote e Politis, o troco tem sido dado na mesma moeda. Recentemente, em inícios de 2011, um orientando da professora Politis defendeu uma tese que mencionava de Stewart apenas um obscuro artigo sobre os cursos do lógico hegeliano Karl Werder em Berlim, sabidamente assistidos por Kierkegaard. Tendo, porém, explorado a figura desse lógico hegeliano (escutado em Berlim e até resumido com detalhes nos *Papirer* por Kierkegaard no início dos anos 40), Stewart sabe muito bem que Werder, duas décadas mais tarde, nos anos 60, deu cursos em Berlim sobre o *Nathan* de Lessing¹⁷. Quem sabe então algum dia, por tais desvios, Stewart acabe por descobrir um Lessing bem mais original e muito mais importante do que ele parece suspeitar até agora. Quem sabe não acabaremos por ver enfim Stewart lendo um Lessing tão importante (e tão empolgante) quanto aquele autor alemão das leituras de Hélène Politis (*Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard*)?

* * *

Diante das discrepâncias desses titãs dos maiores centros mundiais de investigação, o que pode pretender alcançar um pobre investigador de periferia, um professor brasileiro acabrunhado por aulas e teses e dissertações para defesas e qualificações? Pode talvez, no máximo, levantar hipóteses, fornecer algumas indicações e transmitir

16. Stewart J., *A History of Hegelianism...*, op. cit., p. 264.

17. Cfr. *Ibid.*, p. 658 e nota 6.

quicá um pouco de interesse, até algum entusiasmo, para que outros se atirem à tarefa de levantar e determinar a real influência de Lessing na obra de Kierkegaard. Mas não nos furtaremos a dar algumas pistas – a partir do árduo e quase diuturno trabalho que vimos fazendo de tradução da obra desse autor para a nossa língua materna¹⁸.

Falando na primeira pessoa: estou bastante convencido de que Lessing é por certo “o modelo vivo do pensador subjetivo”, propugnado no núcleo e no conjunto desse *Pós-escrito* de 1846. Repito: mesmo sendo iluminista, talvez deísta, pior: espinozista (que Deus não o permita!), este amante da tolerância é, como Sócrates, “um grande herói de Kierkegaard”.

Todos sabem que Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) era filho de um Pastor luterano que queria vê-lo assumir sua profissão; sabem também que não quis fazê-lo, mas que estudou bastante teologia e muitíssimo bem os escritos dos Padres da Igreja dos primeiros quatro séculos. Dedicou ao Concílio de Nicéia tanto estudo quanto aos filósofos Espinosa e Leibniz. Amigo querido de pensadores judeus como Mendelssohn, não teme brincar com a imensa figura de um Lutero, e até agradece, por exemplo, por encontrar neste gigante alguma falha humana, pois caso contrário seria tentado a idolátrá-lo... Quando então relativiza a Bíblia, combatendo principalmente a corrente literalista, está querendo dizer que o Antigo Testamento já foi superado pelo Novo, a até aí muitos o acompanharão, mas quando dá a entender que os Livros dos evangelhos do Filho de Deus ou do Deus Filho também serão superados pela religião do Espírito Santo, aí muitos sentem dificuldade de acompanhar este escritor póstumo (para usarmos aqui o conceito nietzschiano). Lessing diferencia também a religião de Cristo, por um lado, e a religião cristã, por outro lado (e Goethe admirava nele justamente o poder das distinções).

Ora, nosso pensador é um homem profundamente religioso, que não opõe a razão à fé (mas as distingue). Homem da *Aufklärung*, está convencido de que “o que é comum a todas as religiões não pode carecer de fundamento racional”¹⁹. Supondo que os Apóstolos fizeram seu trabalho de evangelização por décadas já antes da escrita das Cartas dos apóstolos e dos 4 Evangelhos, crê numa Regra da fé (*Regula fidei*), de teor trinitário, acompanhado pelas Bem-aventuranças e pelas proposições da Oração que o próprio Senhor nos ensinou, e que convidava ao batismo. Duas teses suas, de 1778: “Também havia religião antes de existir uma Bíblia”²⁰ e, muito provocante, num contexto germânico luterano: “A religião não é verdadeira porque os Evangelistas e os Apóstolos a ensinaram, senão que estes a ensinaram porque é verdadeira”²¹. Para enfim produzir quase um enfarto no Arqui-pastor luterano, defensor da sua

18. Atualmente estamos passando (graças também ao entusiasmo de Else Hagelund, nossa auxiliar e impulsadora, compatriota de Kierkegaard) da metade da tradução do *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*.

19. Traduções: a partir da coletânea espanhola: Lessing G., *Escritos Filosóficos y Teológicos*, Introducción, traducción y notas de Agustín Andreu, Barcelona, Anthrops, 1990, p. 339.

20. *Ibid.*, p. 517. *Auch war die Religion, ehe eine Bibel war.* (1874, X 111) (Lessings Werke, Stuttgart: Göschen'sche Verlagshandlung, 1874. Zehnter Band).

21. *Ibid.*, p. 525. *Die Religion ist nicht wahr, weil die Evangelisten und Apostel sie lehrten: sondern sie lehrten sie, weil sie wahr ist.* (1874, X 121)

ortodoxia bíblica, ainda uma tese: “A letra não é o espírito e a Bíblia não é a religião”²². Num texto singelo, emocionante, de poucas páginas, Lessing discute um assim chamado «Testamento de João», que nada mais é do que o núcleo da pregação daquele Ancião que repetia sempre: *Filhinhos, amai-vos uns aos outros*²³, e que, de resto, se bastava com esta fórmula, por dois motivos: porque o Senhor tinha ordenado passar isso adiante, e porque isso, se realizado, já bastaria.

É bem verdade que Lessing, teórico e crítico da literatura e das artes, tinha o prazer da polêmica, principalmente quando empregada para enfrentar os poderosos. Lessing desafia, pois, a ortodoxia arrogante, dogmática, intolerante, aquela que prefere proibir, castigar e até matar quem disser uma sílaba diferente daquela da fórmula estabelecida. Daí a sua famosa, e por que não dizer: deliciosa, polêmica com o Arquipastor (ou Arcipreste) Goetze, de Hamburg, no final interrompida de modo brusco por um decreto que obrigava nosso amigo a calar-se (o que este faz, como diz ter aprendido com seu pai, apenas “mordendo bem os lábios”). – Resultou, como legado dessa discussão, *Natan, o Sábio*, cujo protagonista é um judeu esclarecido e tolerante; nesta peça imortal de teatro, a questão da religião verdadeira, na disputa do judeu com o cristão e o muçulmano, só poderá ser decidida pelos respectivos frutos, em termos de amor concreto e beneficente, das crenças de cada um²⁴.

Seria entretanto um mal-entendido pensar que Lessing não valoriza a ortodoxia no sentido do respeito a uma crença definida e transmitida; o seu verdadeiro inimigo é a atitude dogmática intolerante, dona ciumenta e egoísta da verdade. Pois para ele o pensador existente se caracterizará sempre pelo «esforço constante», exaustivo, fiel, sempre ameaçado pelos erros e pelas falhas humanas. Esforço de amor pela verdade, e neste sentido Lessing é e será sempre uma ótima arma a ser brandida contra aqueles que querem trocar até o nome da «filo-sofia» pelo de «ciência» (*Wissenschaft*). E a ideia de ciência como completude (se é verdade que “a verdade é o todo”, como o queria Hegel, e não, pelo contrário, que “o todo é o não-verdadeiro, o totalitário”, conforme a retorsão de Adorno), a ideia de completude se expressa pela pretensão, mais ou menos arrogante e presunçosa, mais atenta à articulação coerente interior ou à ordem exterior dos parágrafos, do sistema filosófico.

Como todos sabem, o autor do *Pós-escrito* de 1846 defende, apoiando-se em citação de Lessing, a tese incontestada de que “um sistema lógico é possível”, enquanto que, inversamente, um sistema do todo da realidade não existe nem pode existir. Ou que, pelo menos, se existir, só o será para Deus, que, Ele sim, tem direito a conhecer toda a realidade como um sistema, mas não para nós humanos, seres com um conhecimento precário e fragmentário. Na medida em que a verdade possível aos humanos é sempre fragmentária, a ideia de um sistema acabado ficará sempre reduzida a ensaio ou

22. *Ibid.*, p. 515. *Der Buchstabe ist nicht der Geist, und die Bibel ist nicht die Religion.* (1874, X 109)

23. *Kinderchen, liebt euch!* (1874, X 13)

24. Aqui, seu dramaturgo parece antecipar a posição nietzschiana que vê (em *O Anticristo*) o cristianismo antes como uma prática, mais do que um “ter algo por verdadeiro” (*etwas für wahr halten*).

ilusão²⁵.

Ora, a ideia de fragmentos aparece já no título do livro de Kierkegaard, de 1844, do mesmo pseudônimo João Climacus, *Migalhas filosóficas*. Migalhas = lat.: *fragmenta*. E não é por acaso que a questão central ali – justamente denominada “o problema das *Migalhas*” – é uma questão típica de Lessing: “Pode haver um ponto de partida histórico para uma consciência eterna? Como pode um tal ponto de partida interessar-me mais do que historicamente? Pode-se construir uma felicidade eterna sobre um saber histórico?” E se essas três formulações variam uma questão de Lessing, elas constituem o núcleo do problema de Climacus, autor das *Migalhas* (com suas 100 páginas) e de seu *Pós-escrito* (com suas 500 páginas). Lessing, como muitos já sabem, se preocupava com o estatuto da veracidade das verdades históricas, sempre contingentes. É ele que distingue, por exemplo, quando lembra que “relatos sobre milagres” não são milagres, mas apenas relatos históricos. É certo que ele afirma que se vivesse no tempo em que o milagre se realizou, se visse ele mesmo o milagre e “se não conseguisse provar nada contra a veracidade de tal milagre”, então seria capaz de dar até sua vida pelo autor do milagre. Que esta não é uma argumentação tão perfeita assim, Climacus já o percebe. Mas se Lessing concede que muitas vezes nada tem a apresentar contra algo que apele à fé, por outro lado esta continua a ser para ele um “salto sobre um abismo” (“para o qual sua cabeça pesada e suas velhas pernas não ajudam”), e não uma consequência lógica e necessária.

Embora leitor entusiasta de Spinoza, ele é um bom discípulo de Leibniz, sobre quem escreve textos de resgate, como diríamos hoje, ou de “salvação”, como se chamavam na época. A Leibniz, chama: “este grande homem que, a meu juízo, não escreveu nem uma única linha em vão”. Aliás, Lessing adora “resgatar” pensadores: por isso escreveu muitos textos com títulos como “Salvação de Horácio”, “Salvação de Lutero”, “Salvação de Leibniz”: trata-se sempre de um resgate histórico, da tentativa de corrigir juízos históricos, e não de um apelo à revisão de processos do “juízo final” (como naquela anedota do padre franciscano que achava que São Francisco tinha poder para tirar almas do inferno, mas “somente as que tivessem sido injustamente condenadas”).

A anedota do franciscano não é de Lessing, porém é dele, sim, um texto em que discute, na sequência de Leibniz, a questão “da eternidade das penas do inferno”. Por mais abstrusa que pareça esta questão, ou obsoleta em tempos em que muitos não acreditam na ressurreição, nem na imortalidade e muito menos no inferno, é uma delícia ler a argumentação desse pensador alemão, meditando se afinal de contas um único condenado para toda a eternidade não demonstraria o fracasso no plano do Criador, sacudindo a tese leibniziana da criação do melhor dos mundos possíveis. Ora, se toda e qualquer Teodiceia se baseia na ideia de que o mal sempre acaba vencido (no fundo ou na superfície), uma única condenação eterna sem apelação já

25. A racionalidade de Lessing tem traços bem contemporâneos, ou ao menos ninguém nos convencerá de que ele, em 1778, já havia lido Karl Popper quando escreveu, em seu costumeiro estilo dialógico: “Amigo, todo o mercúrio que até hoje atirei ao fogo se evaporou. Se sabes de algum mercúrio que não se evapore, traze-o e me mostra, que eu te agradecerei.” (Lessing G., *op. cit.*, p. 510)

bastaria para colocar um ponto final na disputa.

* * *

Esperamos que essas poucas ideias aqui desenvolvidas possam servir, por enquanto, de indicação ou pista para os que pretendem investigar a questão da importância de Lessing – como modelo de pensador subjetivo – para a obra de Kierkegaard. Inspirados por Héléne Politis, reclamamos de Jon Stewart por causa de seu silêncio inexplicável a respeito da figura de Lessing. Estamos convencidos de que quando este brilhante investigador da obra de Kierkegaard examinar mais atentamente a relação Lessing-Kierkegaard, poderá inclusive modificar sua compreensão mais profunda do pensamento filosófico daquele dinamarquês.

É verdade, porém, que nessas poucas páginas comentamos tão somente algumas passagens do autor americano, e ficamos portanto a dever um comentário adequado dos mencionados capítulos da professora Héléne Politis. Até nisso Lessing tinha razão: apesar de todo o esforço, nosso trabalho resultou extremamente fragmentário! Talvez um pouco devido à nossa cabeça pesada...

Response to Álvaro L. M. Valls' "Sobre a importância de Lessing no Pós-escrito às Migalhas Filosóficas"

Jon Stewart

It was with great interest and pleasure that I read the perceptive article of Álvaro L. M. Valls. This article was to me not just an academic pleasure but a personal one since I have known Álvaro as a good friend for many years and since he was such an extraordinarily kind and generous host to me and my wife when we visited Brazil in the fall of 2010. His work as a pioneering scholar in Kierkegaard studies in Latin America has been truly exceptional, and all of us in the field stand in his debt. Through his research, translations, teaching, organizational skills and supervision of young scholars, he has created a very strong and dynamic community of young Kierkegaard scholars in Brazil. To have such an important scholar and treasured friend take notice of my work is truly a great honor and a humbling experience.

I was particularly pleased to see, while reading, that I was in virtually full agreement with Álvaro about all the substantive points. With regard to the main issue he raises, I have always had the intuition that Lessing was extremely important to Kierkegaard, and I have never entirely felt satisfied with the accounts of this connection that I found in the secondary literature. I always believed that there was much more research to be done here and that Lessing played a far greater role for Kierkegaard than has been generally acknowledged. Over the course of the last two years, I have thus been working on Lessing primarily in the context of my teaching. I have read with my students most all of the relevant polemical works by Lessing in the context of the controversy surrounding Reimarus' fragments as well as his classic dramatic piece

Nathan the Wise. In the same context we read Jacobi's *On the Doctrine of Spinoza, in Letters to Moses Mendelssohn*, which is also an important text in this connection. All of this clearly confirmed my intuitions about the importance of Lessing for Kierkegaard, especially with regard to the issue of the limitations of historical knowledge. Over these last few years I can recall more than a couple of times suggesting to younger visiting scholars at the Søren Kierkegaard Research Centre that they read Lessing if they wish to understand the key passages in the *Concluding Unscientific Postscript*. In short, I wholly agree with Álvaro's claim that the connection between Kierkegaard and Lessing is an important one. For me, there can be absolutely no doubt that this is a topic worthy of further study, and I would be delighted to have the opportunity to pursue it.

The substantive part of Álvaro's criticism concerns the fact that I only rarely mention Lessing in my two books *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered* (2003) and *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark, Tome II, The Martensen Period: 1837-1842* (2007). The reason that I do not treat Lessing is quite simply that neither of these two books makes any claim whatsoever to say anything about the relation of Kierkegaard and Lessing. The goals of my two books are entirely different and are clearly stated in their introductions. *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered* is an attempt to revisit the old issue of Kierkegaard and Hegel by exploring and taking up critically some of the long accepted views about it. Given this, there is no obvious reason to expect that the work will provide any treatment of Kierkegaard's relation to Lessing. Indeed, if such an argument were valid, then the work could be reproached for likewise not treating Kierkegaard's relation to Kant, or Fichte or Schelling or any number of other philosophers.

Similarly, in the Introduction in Tome I of *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark*, it is clearly stated that this work aims to trace, by means of source work research, the Hegel reception in Denmark during the period of the Danish Golden Age. Thus, this book cannot really even be called a Kierkegaard book since it treats Kierkegaard only insofar as he is relevant for the Danish Hegel reception. Likewise it is not a book about Lessing. Here again one can ask why anyone would expect that a book of this kind would give a treatment of Kierkegaard's use of Lessing. It is entirely correct to point out that Lessing is important for Kierkegaard in the *Concluding Unscientific Postscript*, but this is wholly irrelevant for the goals of my book. Indeed, the *Postscript*, which was published in 1846, falls outside the time frame treated in this second tome, and this time frame is something that is made clear both in the introduction and in the very title of the work, where tome II is designated "The Martensen Period," which covers the years 1837-1842. So there is no logical reason to expect that this work will treat either Lessing or the *Postscript*, which was published four years after the period under examination in the book.

In book reviews or criticisms it is customary to begin with an account of what the work purports to do and then to analyze its contents critically based on that. If any author does not accomplish what he or she set out to do, then criticism is warranted and can be useful to both the author and the prospective readers. But here a wholly different issue—Kierkegaard's use of Lessing—is imposed on these works from the

outside, based on the interests of the reader, and then the works are judged, invariably in a negative manner, based on this external criterion. But, of course, this kind of criticism misses the mark since the books in question are not concerned with this issue (or with a great many other very interesting and important ones) but rather are limited to their own clearly defined and declared specialized topics. With this argument, my works could also be criticized for not providing an account of the war on terrorism or global warming, both of which they also utterly fail to treat.

The procedure followed here is somewhat unfortunate since no indication is given of the several hundred pages, provided by these works, of new and potentially useful source work research on many lesser known figures in the not so well known universe of the Danish Golden Age. Indeed, both of these works have received quite positive book reviews from other reviewers, who consistently point out the thoroughness and exhaustiveness of the scholarship presented, which has subsequently inspired further research on these issues. But instead of mentioning this material, which is in accordance with the books' stated theses and goals, the objection is raised that these works are not doing something else that is completely different. There are some shortcomings with these books, to be sure, but it does not seem quite fair to criticize a book for not doing something that it does not claim to do or that is not relevant to its main topic.

My works are compared negatively with those of the outstanding French scholar H el ene Politis, specifically her book *Le concept de philosophie constamment rapport e   Kierkegaard* (2009). In contrast to my work, it is pointed out, Politis' book gives a detailed account of Kierkegaard's relation to and use of Lessing. But this kind of comparison is like comparing apples and oranges. We are talking here about three different books (two of mine and one of Politis) with very different goals and agendas, and then it is decided that they should be compared based on a single issue, which is not even relevant for my works. Then it is concluded that my works fall short of the mark since they do not treat the issue of Kierkegaard and Lessing. This is like saying that Henry Allison's and Allen Wood's works on Kant are bad because they fail to treat Merleau-Ponty.

In any case, let me say that I have always appreciated the work of Vergote and Politis, who are truly outstanding scholars who have made great contributions to Kierkegaard studies. With further study, I am sure that I could still learn much from them.  lvaro is absolutely correct that we in Kierkegaard studies need to do much better about bringing together the different research traditions and language groups. I find myself sometimes rather disgusted with the Anglophone monopoly that reigns in international scholarship. I firmly believe that good scholarship requires interaction with other research traditions and languages. More needs to be done to incorporate the rich and exciting French tradition of Kierkegaard studies into the mainstream. All too often the French scholars (and indeed those of other traditions) have been left on the sideline in Kierkegaard research. This is both unfair and detrimental to scholarship. Through the years I have attempted in a number of ways to make the French scholarship better represented in the Kierkegaard Research Centre's activities, including helping to organize a wholly francophone conference at the Centre and

negotiating the contract with the publisher to allow for submissions of articles in French to the Centre's journal, the *Kierkegaard Studies Yearbook*.

For many years now I have made it one of my most important goals to facilitate the internationalization of Kierkegaard studies as best as I can from my position at the Centre. I have always regarded this as one of my most important tasks as a member of the full-time staff of the institute. For me, Kierkegaard studies is not a private Danish matter but rather an international affair, and Kierkegaard research is only improved if the scholars from around the world can come into contact with one another and share their ideas. Through the years I have done my best to try to bring Kierkegaard scholars together. I have travelled to many countries and endeavored to involve people from all over the globe in the projects of the Centre (for example, with the series *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources*). I have also helped to organize numerous conferences in other countries as well as translation projects of Kierkegaard's writings.

The last time that I saw Álvaro was at the "VI Jornadas Internacionales de Estudios Kierkegaardianos" in Buenos Aires (in November 2010). My kind hosts on that occasion asked me to deliver a special address to the conference, where I discussed the state of Kierkegaard studies today. On that occasion I used the opportunity to make the case for the importance of internationalizing Kierkegaard studies. I tried to argue that in our global world of today there are many opportunities available to be in contact with other scholars from around the world. I explained the close cooperation that I have with scholars in countries like Hungary, Slovakia, Germany, Belgium, the UK, etc. Sometimes these kinds of cooperation involve almost daily contact via e-mail, Skype or personal interaction. Thus, it can be done to reach out to scholars around the world, and I know that my own research has improved vastly due to it. This was the kind of cooperation that I tried to make a case for on that occasion.

I know that I am a better scholar today because I have had the opportunity to discuss my research with a number of international Kierkegaard scholars, and one of the most important of these is my friend Álvaro L. M. Valls. I look forward to working together with him in the future to pursue our common goal of promoting international Kierkegaard studies in a way that includes all of the different research traditions.

Fecha de Recepción: 06/10/2012

Fecha de Aprobación: 16/11/2012